

clássicas

Editoras: Marcia Rangel Candido
e Verônica Toste Daflon

v.6, n.11, 2017 (IESP-UERJ)



ENSAIOS SOBRE A AMÉRICA LATINA

“As noivas de Satã”: misoginia e bruxaria no Brasil colonial

Por Carolina Rocha

O grito de independência das mulheres latino-americanas

Por Lília Macêdo

ENTREVISTAS

Bila Sorj

Socióloga e pioneira nos estudos de gênero no Brasil

Hebe Vessuri

Antropóloga e especialista em estudos sociais sobre a ciência na América Latina

RESENHAS E CRÍTICAS

“União Operária”, de Flora Tristán

Por Felipe da Silva Santos

“Calibã e a Bruxa”, de Silva Federici

Por Mariane Silva Reghim

AUTORAS CLÁSSICAS

Aleksandra Kollontai || Charlote Perkins Gilman || Clara Zetkin || Flora Tristán || Harriet Martineau || Harriet Taylor Mill || Mary Wollstonecraft || Nísia Floresta || Olympe de Gouges || Simone de Beauvoir || Sojourner Truth || Virgínia Woolf || e mais

TEXTOS POR

Anita Guerra || Lorena Marina dos Santos Miguel || Lolita Guerra || Luna Campos || Nicole Midori Korus || Teresa Soter || Vaneza de Azevedo

clássicas

editoras

Marcia Rangel Candido
Verônica Toste Daflon

assistente editorial

Mariane Silva Reghim

projeto gráfico

Ana Bolshaw

ilustração de capa

Sophia Pinheiro

autoras

Anita Guerra
Carolina Rocha Silva
Felipe da Silva Santos
Lília Maria Silva Macêdo
Lolita Guerra
Lorena Miguel
Luna Campos
Mariane Silva Reghim
Nicole Midori Korus
Teresa Soter Henriques
Vaneza de Azevedo

comitê editorial

Cadernos de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ)
Anna Carolin Venturini, IESP/UERJ
Felipe Munhoz de Albuquerque, IESP/
UERJ
Leonardo Nóbrega da Silva, IIESP/UERJ
Marcelo Borel, IESP/UERJ
Marcia Candido, IESP/UERJ
Marina Rute Pacheco, IESP/UERJ
Mariane Silva Reghim, IESP/UERJ
Natália Leão, IESP/UERJ
Raul Nunes de Oliveira, IESP/UERJ

Cadernos de Estudos Sociais e Políticos

Dossiê especial "Clássicas", v.6, n.11, 2017.

ISSN 2238-3425

Instituto de Estudos Sociais e Políticos
(IESP)

Universidade do Estado do Rio de
Janeiro (UERJ)

Rua da Matriz 82, Rio de Janeiro - RJ

Índice

apresentação

MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON _____ 6

entrevistas

BILA SORJ: SOCIOLOGA E PIONEIRA DOS ESTUDOS DE GÊNERO
NO BRASIL
POR MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON _____ 8

HEBE VESSURI: ANTROPÓLOGA E ESPECIALISTA EM ESTUDOS
SOCIAIS SOBRE A CIÊNCIA NA AMÉRICA LATINA
POR MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON _____ 10

clássicas

HARRIET MARTINEAU: A CONTRIBUIÇÃO ESQUECIDA DA PRIMEIRA
SOCIOLOGA
LORENA MARINA DOS SANTOS MIGUEL _____ 16

ALGUMAS NOTAS DE PESQUISA SOBRE FLORA TRISTAN:
FEMINISMO, SOCIALISMO E VIAGENS
LUNA CAMPOS _____ 30

GÊNERO, RACIONALIDADE E ESCRITA EM "O PAPEL DE PAREDE
AMARELO", DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN
TERESA SOTER _____ 40

UMA BRASILEIRA ILUSTRE: NÍSIA FLORESTA E A LUTA POR LIBERDADE
E DIREITOS
VANEZA DE AZEVEDO _____ 52

artigos e ensaios

O QUE É UMA MULHER? VERSÕES E CONTRAVERSÕES DO
ESSENCIALISMO FEMININO
ANITA GUERRA _____ 58

"AS NOIVAS DE SATÃ": MISOGINIA E BRUXARIA NO BRASIL COLONIAL
CAROLINA ROCHA _____ 68

O GRITO DE INDEPENDÊNCIA DAS MULHERES LATINOAMERICANAS
LÍLIA MACÊDO _____ 80

"MÃE!" (2017) E O MITO DA MULHER ETERNA
LOLITA GUERRA _____ 90

RETOMANDO O DEBATE IGUALDADE VS. DIFERENÇA A PARTIR DE
AUTORAS CLÁSSICAS: UM ARGUMENTO INTERMEDIÁRIO
NICOLE MIDORI KORUS _____ 110

resenhas e críticas

"UNIÃO OPERÁRIA", DE FLORA TRISTÁN
FELIPE DA SILVA SANTOS _____ 124

"CALIBÃ E A BRUXA: MULHERES, CORPO E ACUMULAÇÃO PRIMITIVA",
DE SILVIA FEDERICI
MARIANE SILVA REGHIM _____ 130

Apresentação

Em 1883, nas primeiras linhas de seu ensaio clássico “A mulher como inventora” (Woman as an inventor), Matilda Joslyn Gage chamou atenção para como era comum a alegação que as mulheres não possuíam atributos intelectuais criativos e que não eram capazes de realizar contribuições originais e úteis à vida social. Ciente de que essa afirmação era usada para justificar a invisibilização e o não reconhecimento do trabalho intelectual e criativo das mulheres, Gage a confrontou com extrema perspicácia: além de resgatar grandes feitos femininos em campos como a ciência, a tecnologia, a literatura, as artes, mostrando que nada na constituição biológica das mulheres as tornava inferiores aos homens, ela também descreveu os fatores estruturais que faziam das mulheres uma parcela minoritária entre os inventores, artistas, cientistas etc de prestígio.

Para tal, mencionou aspectos como a legislação social, a subordinação feminina dentro da família e do casamento, a dificuldade de acesso à educação, entre outros. Passado pouco mais de um século da publicação desse texto, a necessidade de recuperar as reflexões e invenções das mulheres ainda persiste. Na escola, pouco se fala de cientistas e pensadoras do gênero feminino. É comum que estudantes de grandes áreas das ciências humanas concluam suas graduações, mestrados e doutorados sem

serem apresentadas(os) a nenhuma autora clássica.

Esta revista é resultado de um esforço coletivo profundamente identificado com a indignação que moveu Gage em 1883: retomar o passado, contestar o presente e modificar o futuro. No primeiro semestre do ano de 2017, o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ) foi cenário de debates, apresentações e aprendizados na disciplina “Gênero na Teoria Social e Política Clássica”.

Nos debruçamos sobre o trabalho de autoras pouco estimadas em nossos círculos e a cada leitura nos surpreendemos com o seu pioneirismo, a engenhosidade das suas análises sobre conjunturas políticas e sociais, e sobretudo nos espantamos com a exclusão injustificável das suas contribuições do cânone da sociologia, filosofia, história, ciência política etc. Com o intuito de ir além dos limites das salas de aula e dar continuidade à difusão desses trabalhos, apresentamos nessas páginas artigos produzidos pelas(os) alunas(os) do curso, bem como colaborações de pesquisadoras convidadas. Esperamos que o contato com essas autoras clássicas provoque nas(os) leitoras(es) o mesmo prazer da descoberta e o deleite intelectual que tivemos ao estudar e

lecionar sobre elas. Agradecemos às muitas mãos que se uniram ao nosso esforço: as autoras e autores dos textos dessa coletânea, as entrevistadas, a artista Sophia Pinheiro, responsável pela ilustração que compõe a nossa capa e a designer Ana Bolshaw, idealizadora do projeto gráfico.

**Marcia Rangel Candido e
Verônica Toste Daflon**

Entrevista com Hebe Vessuri



Nossa entrevistada, Hebe Vessuri, é antropóloga social, vinculada a institutos de pesquisa na Argentina, na Venezuela e no México (Centro de Estudos Sociais de Ciência do Instituto de Investigação Científica - IVIC, Centro de Pesquisa de Geografia Ambiental - CIGA-UNAM, Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas -CONICET e Instituto de Ciências Humanas e Sociais), Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET) e Instituto de Ciências Humanas e Sociais). É pioneira em estudos sociais sobre a ciência na América Latina, pelos quais recebeu vários prêmios nacionais e internacionais. Após realizar doutorado na Universidade de Oxford, foi exilada durante a ditadura argentina, e ajudou a fundar programas de graduação na Venezuela e no Brasil. Exerceu importantes atividades na comissão de Ciência e Tecnologia do Conselho Latino Americano de Ciências Sociais (CLACSO), na Reitoria da Universidade das Nações Unidas, na União Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas (IUAES), na Comissão de Ética na Ciência da UNESCO, no Conselho Internacional de Governança de Risco (IRGC), no Programa Internacional Para o Desenvolvimento Humano (IHDP)

e no Conselho Internacional de Ciências Sociais (ISSC). Vessuri desenvolve trabalhos acadêmicos profundamente comprometidos com a democratização da ciência. Na pequena entrevista apresentada a seguir, a autora comenta sobre desigualdades na produção e circulação do conhecimento científico.

Editoras:

Você foi a primeira pessoa fora da Europa e dos Estados Unidos a receber o Prêmio John D. Bernal da Society for Social Studies of Science (4S). Isso é incomum, tanto pelo fato de você ser latino-americana, como por ser mulher – visto que a produção científica de mulheres costuma ter menos visibilidade que a dos homens. Seus trabalhos representam uma contribuição de extrema relevância para pensar a respeito do compromisso da ciência com o público e com a superação das desigualdades. Como você observa a interação entre as desigualdades regionais que afetam a produção acadêmica dos latino-americanos e as desigualdades de gênero? Como você enxerga o papel das ciências sociais na transformação da sociedade?

Hebe Vessuri:

Agradeço pelo interesse de vocês em entender melhor as razões do prêmio que

recebi de uma associação do Norte global. Eu também me perguntei sobre o porquê disso e tratei de explicar no meu próprio discurso de aceitação do prêmio. Eu o anexei ao final desse texto caso alguém se interesse em lê-lo.

De fato, é incomum que tenham dado o prêmio a mim porque é a primeira vez que o dão a uma pessoa de fora do âmbito norte-americano e europeu. E, ademais, a uma mulher. No entanto, devemos levar em conta que nos últimos anos também na 4S tem havido um interesse crescente por outras regiões do mundo global, entre outros motivos, pela emergente presença de jovens estudantes e investigadores de distintas partes do mundo que participam da vida em sociedade e discutem temas que no passado ficavam fora do horizonte da agenda oficial. Em particular, há mais pessoas da América Latina que hoje participam em atividades da 4S. Também creio que isso tudo é reflexo da maior presença numérica de mulheres na organização dessa associação e do peso teórico que os estudos de gênero tiveram precisamente no campo dos estudos ligados à ciência.

Em relação ao meu trabalho, se estou bem convicta de que ele sempre expressou uma

preocupação com a responsabilidade da ciência com o público, ou mais amplamente, com a sociedade, também estou certa de que não me dediquei a promover minha obra como normalmente é feito nesses anos de marketing globalizado, pois eu não gostava de frequentar os congressos e eventos internacionais, nem de buscar contatos em uma corrida por avaliação e popularidade. Pois bem, eu preferi os pequenos simpósio e workshops que dão oportunidade de conhecer pessoas e dialogar com elas mais do que os 15 minutos de uma apresentação mutilada do trabalho, que é o que normalmente ocorre em um congresso internacional. Reconheço, por outro lado, que participei ativamente da gestão de programas científico internacionais, pois me pareceu importante estar ali e dar uma opinião a partir da perspectiva dos países do Sul global. Mas não creio que isso, na prática, tenha tido alguma influência sobre o prêmio.

O que mais tratei de fazer foi aproximar temas que me pareciam importantes para ver se entusiasmasse jovens da América Latina a embarcar no estudo de alguns deles, assim como fazer visíveis aspectos da realidade da nossa região do mundo, que eram ignorados em nossos próprios países.

Esclareço, no entanto, que minha escolha não é anti-internacional ou anti-global. Creio que temos a possibilidade e a obrigação de estudar nossa realidade sócio-histórica, mas o que faz do nosso trabalho uma ciência é a possibilidade de postular o que estudamos em nosso contexto particular situado em termos compreensíveis em outros contextos culturais. O olhar cultural sempre me pareceu fundamental. A ciência é cultura, tem culturas, os diálogos comparados, nesse sentido, são imprescindíveis. E nesse sentido, se era necessário escrever em inglês para que pudessem me ler na África ou na Ásia, eu escrevia em inglês.

Eu escrevi muito, mas como muitos dos meus trabalhos foram publicados como capítulos de livros coletivos que tratavam de fazer avançar temáticas particulares, não sei quanto do que escrevi está espalhado por aí, perdido ou invisível aos olhos de muitos. Embora quando eu comecei já havia o debate para publicar em revistas ou fazê-lo em livros, no que era então o novo campo de estudos sociais da ciência pensávamos que publicar em livros coletivos, onde cada autor desenvolvia um tópico específico relacionado ao tema geral do volume, nos permitiria avançar na frente do conhecimento. Talvez hoje eu faria isso de forma diferente, mas a história não reconhece condicionalismos contrafactuais.

As questões da igualdade, como aspiração universal, e a realidade das desigualdades manifestadas em múltiplas dimensões da vida social, sempre foram as que mais me preocuparam, desde minha tese de doutorado sobre um campesinato sem terra na Argentina. Quando o vemos em relação à ciência, estas se expressam em pelo menos dois aspectos: por um lado, há as desigualdades e as assimetrias denunciadas pelos pesquisadores das questões globais, em relação aos arranjos de prestígio e poder internacional; controle disciplinar por revistas de um clube exclusivo que atua como porteiro de reconhecimento e qualidade, o caráter subalterno da ciência fora do mundo euro-americano, restos coloniais que deram origem a estudos pós-coloniais, exploração cognitiva, etc. No entanto, é necessário levar em conta que as assimetrias e as desigualdades também fazem parte das reivindicações de pesquisadores nas províncias e regiões periféricas de países europeus e norte-americanos, onde a colonialidade, etc., não tem lugar.

Mas há outros tipos de desigualdades e assimetrias em relação à ciência que têm a ver com outras formas de conhecimento “não científico”, ou seja, não reconhecido pelo sistema científico oficial. Embora a ciência em si seja o resultado de um processo histórico e cumulativo de hibridização do

conhecimento, sempre funcionou como um elemento discriminador, decidindo qual conhecimento é válido, legítimo, “verdadeiro”, e o que não é. Inclusive, isso foi acompanhado frequentemente por uma separação entre um conhecimento e aqueles que têm esse conhecimento, tentando salvar o primeiro, mas não os segundos, a quem nem sequer se reconhece a autoria desse conhecimento como parte de seu patrimônio cultural e social..

Em uma fase como a atual, em que houve uma tremenda expansão dos horizontes do conhecimento, as relações com outras formas de conhecimento estão mudando, mas devemos ter cuidado para que também a dimensão da responsabilidade da ciência com os atores sociais que historicamente produziram e renovaram esse conhecimento, não se perca de vista. E quando dizemos ciência, aqui estamos dizendo ciência na sociedade, ciência como sociedade.

As ciências sociais têm uma responsabilidade crucial em relação à necessidade de melhorar a capacidade de olhar criticamente o que fazemos como seres sociais e como sociedades. Elas mesmas são dominadas no presente por interesses comerciais e estratégias políticas, o que ameaça transformá-las em instrumentos dos poderes dominantes. O melhor antídoto é aguçar

nosso olhar sobre a realidade que nos rodeia, em todas as suas dimensões, e propor maneiras novas e renovadas de interpretar fatos e processos com um compromisso ético e cognitivo.

Tradução do discurso de aceitação:

Estou muito grata ao comitê de indicação e ao 4S. Foi uma surpresa maravilhosa para mim algo que é certamente um reflexo do caráter cada vez mais internacional do 4S, que começou a olhar para o Sul Global. Eu comecei a frequentar esses encontros em Washington em 1979. Àquela época eu ficava muito intrigada com as características do campo nos EUA, com o qual eu estava menos familiarizada do que com os campos na Europa – como o Reino Unido e França. Eu havia mudado de país de residência recentemente e de campo de estudos porque eu era exilada política da Argentina, apenas poucos anos depois de ter conquistado meu doutorado em Antropologia pela Universidade de Oxford. Na época, eu fiquei entusiasmada com a ideia de estudar as causas

do que parecia ser a falha persistente em se construir sociedades modernas, abertas e mais igualitárias na América Latina. O papel dos cientistas e da ciência em tudo isso prometia oferecer algumas chaves de compreensão, particularmente em um lugar como a Venezuela, meu país de adoção, no contexto dos anos 1970 e de uma “nova” democracia cheia de entusiasmo e criatividade. Eu descobri que os cientistas estavam fortemente interessados em discutir o futuro do país e da região. De um jeito ou de outro, essa preocupação em entender o papel da ciência e dos cientistas no mundo em desenvolvimento ficou comigo desde então.

Eu trabalhei com a hierarquia e a estratificação na organização social da ciência, a natureza periférica da maior parte da ciência produzida no mundo em desenvolvimento, as estratégias dos cientistas desses países para tornar seu trabalho visível. Meu trabalho se baseia no dilema entre usar/fazer ciência para responder aos desafios das sociedades locais ou se tornar potencialmente integrado ao *mainstream* da ciência, o reconhecimento de que o conhecimento é “situado”, os truques do jogo internacional da ciência – complicado pelas regras das estruturas de filantropia e financiamento. Eu me surpreendi diversas vezes ao perceber que as comunidades científicas mais fortes do Norte redescobriram diversas ideias heterogêneas

antes já propostas e discutidas no Sul Global, que no seu trânsito perderam as pistas de suas origens. Em última análise, isso não importa. Não é uma questão de chorar por um lugar no banquete. O que é interessante é que com o tempo mais esforço internacional se tornou verdadeiramente possível através do cultivo da diversidade. Eu estou feliz e honrada em aceitar a nomeação ao prêmio J.D. Bernal de 2017. Eu agradeço por essa honra.

AS EDITORAS:**Marcia Rangel Candido**

Doutoranda em Ciência Política no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IESP-Uerj), pesquisadora associada do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA) e do Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública (LEMEP).

contato: marciarangelcandido@gmail.com

Veronica Toste Daflon

Doutora em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-Uerj) e mestre em Sociologia pelo IUPERJ. É bolsista de pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA, IFCS-UFRJ). Atua como pesquisadora associada do Núcleo de Estudos de Sexualidade e Gênero (NESEG, IFCS-UFRJ) e do Global Race Project

contato: veronicatoste@gmail.com

ASSISTENTE EDITORIAL:**Mariane Silva Reghim**

Doutoranda em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-Uerj). É pesquisadora do Núcleo de Estudos de Teoria Social e América Latina (NETSAL). contato: marianesreghim@gmail.com

ARTISTAS GRÁFICAS:**Ana Bolshaw**

Mestranda em Design na PUC-Rio, em que pesquisa identidade visual de cidades. É graduada em Comunicação Social com habilitação em Cinema na mesma instituição.

contato: anabolshaw@gmail.com

www.anabolshaw.com

Sophia Pinheiro

Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás (PPGAS/UFG). É graduada em Artes Visuais e bacharel em Design Gráfico pela mesma universidade. Atua como pensadora visual, interessada nas poéticas e políticas visuais, gênero, processos de criação, na antropologia e/da arte, culturas e representações das imagens.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3686998218403865>

**sobre a capa:**

Para essa primeira publicação, o conceito da capa para Clássicas foi o de desabrochar uma semente, assim como o livro é.

Uma semente que vai germinar e florir para xs leitorxs e também para as futuras edições da coleção com mais mulheres teóricas.

Assim como nos ensina Cora Coralina: “eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores”.

As mulheres que estão aqui rompem as sementes. Que as ideias cresçam e floresçam nesse mundo cada vez mais temeroso.

acompanhe no youtube o **Sobre Elas** (www.youtube.com/sobreelas), dirigido por Emy Lobo, o canal veicula inúmeras entrevistas com mulheres, além de apresentar uma série de curtas com pesquisadoras sobre autoras clássicas.

